

Entre “patriotas”: dos acampamentos ao 8/1

Among “patriots”: from encampments to january 8th

Rev. Bras. Est. Def. v. 11, n. 2, jul./dez. 2024, p. 187–222

DOI: 10.26792/RBED.v11n2.2024.75396

ISSN 2358-3932

GUILHERME ALESSANDRO MOREIRA DE SOUZA
PIERO LEIRNER

INTRODUÇÃO

Por vários ângulos, o absurdo é uma ferramenta organizacional mais eficaz que a verdade. Qualquer um pode crer na verdade, enquanto acreditar no absurdo é uma real demonstração de lealdade.

Mencius Moldbug, blogueiro da direita alternativa norte-americana (apud Empoli 2020, 15).

No dia 8 de janeiro de 2023, o presidente da República, Luíz Inácio Lula da Silva, juntamente com a primeira-dama e demais ministros de Estado, esteve na cidade de Araraquara/SP, onde fortes chuvas haviam vitimado uma família de seis pessoas em uma das mais importantes avenidas do município. Na oportunidade, Lula visitou o local da tragédia e, posteriormente, em coletiva de imprensa, se solidarizou com os familiares das vítimas e com toda a população araraquarense.¹

A quase cinco quilômetros do local visitado por Lula em Araraquara, eleitores de Jair Bolsonaro haviam permanecido acampados em frente ao Tiro de Guerra da cidade durante pelo menos 60 dias. Incredulos com o resultado eleitoral de outubro de 2022 a partir do que consideravam uma “fraude”, aqueles apoiadores, autodenominados *patriotas*, externavam, entre outras demandas, a de uma intervenção das forças armadas brasileiras

Guilherme Alessandro Lemos da Silva Moreira de Souza é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (PPGAS/UFSCar). Bacharel em Ciências Sociais também pela UFSCar. Orcid.org/0000-0002-2793-1695. E-mail: guilhermemoreira@estudante.ufscar.br.

Piero de Camargo Leirner é professor Titular da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e pesquisador do CNPq. Orcid.org/0000-0002-6485-027X. E-mail: pierolei@ufscar.br.

para restaurar um Estado idealizado em várias frentes: um novo Brasil, com cara de 1964.

Há quase 800 quilômetros daquele Tiro de Guerra, demais *patriotas* entraram em marcha, saindo das cercanias do Quartel General do Exército em Brasília até chegarem na Praça dos Três Poderes, de onde promoveram a depredação dos prédios do Congresso Nacional, do Palácio do Planalto e do Supremo Tribunal Federal (STF). Entre gritos de “supremo é povo”, os *patriotas* vandalizaram obras de arte, saquearam objetos, depredaram móveis e instalações, roubaram armas de fogo do Gabinete de Segurança Institucional (GSI)² e entraram em confronto com policiais legislativos que tentavam impedir que o grupo invadisse os plenários do Senado Federal e da Câmara dos Deputados.

Nos anos que precederam os eventos de 8 de janeiro, muitas foram as interpretações acerca da presença política desta parcela da população, sobretudo eleitora de Jair Bolsonaro, e cuja atuação vinha desde antes da eleição de 2018. Para alguns pesquisadores, tratava-se da emergência de uma *nova direita* alinhada com o

[...] i) liberalismo econômico, com intervenção limitada do Estado na economia para garantir igualdade de oportunidades; ii) [com a] defesa da democracia; iii) [com a] defesa radical dos valores da família tradicional. (Codato, Bolognesi, and Roeder 2015, 127).

Distinta, mas nem tanto, da *velha direita* em suas matrizes ideológicas da ditadura de 1964 e atuante até o período da redemocratização no Brasil, esta *nova direita* seria capaz de reconhecer o peso eleitoral dos socialmente excluídos, aceitando as políticas sociais implementadas pela esquerda na América Latina, sem, no entanto, abrir mão de preceitos morais tradicionais e do capitalismo como modelo econômico basilar. Atuante sobretudo com a emergência de uma nova “família de partidos” a partir de 2010 no cenário político nacional (Codato, Bolognesi, and Roeder 2015), a atuação dessa parcela do espectro político também não deixou de significar a origem de uma *oposição extrainstitucional*, isto é, desconectada do sistema político e de suas formas de institucionalização (Nobre 2022). Com esta nova direita *antiestablishment* e não pertencente à esfera pública tradicional do país baseada na televisão, na mídia *mainstream* e na academia, passaram a emergir atores e grupos reativos ao pacto estabelecido com a Constituição de 1988, evocando, junto com uma atitude “antipolítica”, a lembrança frequente de signos dos “tempos dos militares”: anticomunismo, conservadorismo e liberalismo econômico (Rocha 2021; Rocha, Solano, and Medeiros 2021; Nobre 2022). Pouco visíveis na imprensa e nas ruas, tais grupos entravam com força na internet (Rocha 2021).

Porém, não somente no ambiente digital e partidário houve uma renovação à direita do espectro político. Se durante as *Diretas Já* (1983-1984) e, posteriormente, durante a campanha pelo *impeachment* do presidente Fernando Collor (1992), os símbolos nacionais como o verde-amarelo e o Hino Nacional foram utilizados para congregar diferentes grupos contrários a governos de direita, ao longo do segundo mandato de Lula o *estilo patriota de ativismo* deslizaria para as manifestações de rua do eleitorado de direita do país. Em grande parte destas manifestações estava em disputa o campo da moralidade, tanto pública — com a temática da “corrupção” —, quanto privada, com seu centro de gravidade nas questões da liberalização das drogas e do aborto (Alonso 2023).

Naquele contexto, o Hino Nacional passou a ser entoado nas ruas por grupos como o Movimento Endireita Brasil, Reforma Brasil, Quero Mais Brasil e o Movimento Cívico pelo Direito dos Brasileiros — Movimento Cansei. Neste campo de ativismo, havia um número variado de agendas e razões para protestar. A confluência era dada pela recusa às políticas petistas, bem como pelo caráter ambíguo da temática da “corrupção”, que possibilitava englobar “desvios morais” na esfera privada e no mundo público. Desta maneira, o estilo patriota “[...] singelo e autocomunicante (pelo porte de cores nacionais) era fácil de entender mesmo para neófitos em ativismo político”. Dinâmica que se intensificaria com a Copa das Confederações em 2013 e com a Copa do Mundo no ano seguinte (Alonso 2023, 82).³

Nos anos seguintes aos eventos esportivos, ser *patriota* transformou-se em sinônimo de *antiesquerda*. Todavia, tal ativismo não havia pegado para si apenas os símbolos nacionais antes presentes em manifestações contrárias a governos de direita (*Diretas Já* e *Fora Collor*), numa estratégia de espelhamento (Arantes, Frias, and Meneses 2024) e sequestro de pauta com uma série de trocas de sinais e inversões (Leirner 2020). Outra estratégia comumente associada à esquerda também foi apropriada: os acampamentos. Correntemente utilizados pelo Movimento Sem Terra e pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, na esteira dos pedidos para a abertura de *impeachment* pelo Legislativo em 2015, tal estratégia seria replicada pelo Movimento Brasil Livre (MBL) e pelo Revoltados Online que instalaram, com autorização do então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, cinquenta barracas no gramado do Congresso Nacional. Segundo seus organizadores, tratava-se de uma iniciativa que prezava pela limpeza, organização e segurança do espaço em que estavam instalados (Rocha 2021, 172–3).

No ano seguinte, a estratégia seria reencenada em frente ao prédio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) na Avenida

Paulista. A iniciativa durou 168 dias e tinha Carla Zambelli, então militante do Nas Ruas, entre seus organizadores. Cabe destacar que nesse momento, tanto neste acontecimento quanto na experiência do MBL, houve embates com grupos que pediam a intervenção das forças armadas, os quais eram frequentemente expulsos dos acampamentos (Raphael 2016). É preciso salientar que aqueles movimentos pretendiam marcar suas identidades como uma *nova* direita, e isto parece ter sido determinante do porquê naquele momento negarem o acesso integral à pauta militarista.

“Intervenções”, contudo, não estavam totalmente fora do horizonte, como bem atestou a pauta pelo *impeachment* de Dilma Rouseff. Naquele contexto, determinadas figuras advindas da caserna não deixaram de povoar o imaginário dos insatisfeitos que iam para as ruas, admitindo que esta solução não estava completamente descartada. Desde pelo menos o governo Lula, nas manifestações que vocalizavam o apartidarismo de suas iniciativas, uma figura em particular tinha livre acesso: Jair Bolsonaro, um capitão reformado do Exército Brasileiro. Em um período que se inicia em 2014, quando este lança a sua campanha para Presidência da República na eleição de 2018 dentro da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), começa-se a galvanizar na figura do capitão reformado a síntese do conservadorismo religioso, liberalismo econômico e militarismo, temas esses frequentemente mobilizados pelo apelo à “memória de 1964”.

Além do capitão, outro personagem que povoou o imaginário das manifestações em Brasília, especialmente em 2015, foi o General Antônio Hamilton Martins Mourão. Em outubro daquele ano, o militar da ativa havia se notabilizado na mídia por ter dito que a substituição de Dilma Rouseff na Presidência não traria “mudança significativa no ‘status quo’”. Segundo o então comandante militar do Sul, “a vantagem da mudança seria o descarte da incompetência, má gestão e corrupção” (Vizeu 2015). A fala rendeu um boneco inflável do general fardado e com faixa presidencial no gramado do Congresso Nacional. Ao lado do boneco, manifestantes simulavam o velório de Lula e Dilma (Moreira 2023).



Figura 1 — Boneco Inflável do General Mourão (novembro de 2015).
Fonte: Brito (2018).

O boneco teria custado R\$ 12 mil e fazia parte da mesma iniciativa dos acampamentos liderados pelo MBL e Revoltados Online no gramado do Congresso (Congresso em Foco 2015). Quando a liderança do Legislativo decidiu pela extinção da manifestação, o grupo pró-intervenção militar precisou retirar o boneco do local (Agência PT 2015). Três anos depois, o mesmo boneco iniciaria seu *tour* por São Paulo, dessa vez como parte da iniciativa para a eleição do general como vice de Bolsonaro (Folhapress 2018).

O boneco do general evidenciava um processo contínuo de exposição midiática do Exército Brasileiro, por meio do qual seus militares constituíam-se em horizonte eleitoral aos olhos do *ativismo patriota*. Entre 2014 e 2015, vários nomes de militares começaram a ser ventilados publicamente como *lideranças políticas* potenciais. Em reportagem da revista *IstoÉ* de fevereiro de 2014, por exemplo, consta que, segundo dirigentes de 68 associações de militares da reserva, o movimento “general Heleno presidente” já havia alcançado o apoio de 5,7 milhões de eleitores (Jeronimo 2014). Ainda segundo a reportagem, Heleno era um sucesso na internet por conta de seu “discurso conservador”. A iniciativa da candidatura era levada a cabo pelas mesmas figuras que tentavam angariar assinaturas para a cria-

ção e registro do Partido Militar Brasileiro (PMB). Enquanto a iniciativa não saía do papel, seus simpatizantes continuariam utilizando o Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB) como “sigla franqueada” para disputarem as eleições de 2014.⁴



Figura 2 — “General Heleno Presidente” (Março de 2014).
Fonte: Marcus Lopes (2014).

Neste meio-tempo, a linha entre política e caserna vinha estreita desde a década de 2010, quando as reações à Comissão Nacional da Verdade passaram a dar destaque a inúmeros nomes que não coincidentemente viriam a ocupar cargos ministeriais nos anos subsequentes à queda de Dilma (Leirner 2020). É o caso de Heleno, mas também de Sérgio Westphalen Etchegoyen, Maynard Marques de Santa Rosa e entre outros, que apesar de nunca terem sido eleitos ou se tornado ministros nos anos subsequen-

tes, foram essenciais para a reativação de grupos simpáticos à ditadura como o Terrorismo Nunca Mais (Ternuma), como é caso do general Paulo Chagas.

Neste contexto, se observados os dados compilados por Eduardo Heleno de Jesus Santos (2021) a partir de informações públicas do Tribunal Superior Eleitoral, veremos que a inserção eleitoral de militares das forças armadas permaneceu estável entre os anos de 2002 e 2016. O grande *boom* de candidaturas será justamente em 2018, com nomes que haviam se preparado para isso nos quatro anos anteriores. Naquele pleito, além da vitória da chapa presidencial militarizada, chegaram ao Congresso os generais Eliéser Girão Monteiro Filho (deputado federal pelo Rio Grande do Norte)⁵ e Roberto Sebastião Peternelli Junior (deputado federal por São Paulo), tendência acompanhada por outros estratos da hierarquia militar.

Os resultados eleitorais de 2018 aproveitaram uma onda de *ativismo patriota* que vinha desde os dois mandatos de Lula na Presidência e que adquiriram consistência durante a presidência de Dilma Rousseff. Não somente o verde-amarelo passou a ter presença garantida nas manifestações de rua, como militares das forças armadas eram cada vez mais considerados como opções eleitorais e chamados a tomarem posição sobre a política nacional (Leirner 2020; Alonso 2023). Delineavam-se as linhas mestras dos quatro anos do capitão Bolsonaro no Executivo Federal.

“ESSE, BRAGA NETTO, É O NOSSO EXÉRCITO”⁶

Pelo Messias, marchamos sim
Em Suas mãos, a chave da vitória
Que nos leva a possuir a terra prometida

O nosso general é Cristo
Seguimos os seus passos
Nenhum inimigo nos resistirá

Música *O Nosso General é Cristo*, Jairo Arcanjo.

A candidatura de Jair Bolsonaro em 2018, além de marcar um novo paradigma de campanha eleitoral no país, em especial no que diz respeito ao uso intenso de plataformas digitais para veiculação de propaganda política, obteve êxito justamente por ter conseguido arregimentar eleitoralmente uma categoria que vinha sendo construída desde pelo menos 2016: o *cidadão de bem* (Cesarino 2019; 2020; 2022; Kalil 2022).

Em sua origem, a noção de *cidadão de bem* materializou a captura de tendências “antissistêmicas” como, por exemplo, aqueles que são “contra

todos os partidos”, “contra todos os políticos”, “contra tudo isso que está aí”, bem como “anticorrupção”, cujo entendimento se assentava numa acepção ampla, que abarcaria tanto dimensões econômicas quanto morais e religiosas (Kalil 2022, 243–4).

Mesmo antes de 2016, por meio das manifestações de rua, o *cidadão de bem* havia se constituído como um marcador entre aqueles que se manifestariam de forma “pacífica” e aqueles que optariam pela “violência”.⁷ Não por coincidência, grupos e movimentos de esquerda eram alocados nesta última categoria de forma bastante idealizada. Em suma, baseavam-se na ideia de que “[...] existem formas adequadas de participação no espaço público, em contraste com as inadequadas”. A categoria se manteria estável até pelo menos 2020, quando passou a se transformar em outra: o *patriota* (Kalil 2022, 244).

A partir de então, o *patriota* seria aquele capaz de “dar a vida pelo país”. Seriam a parcela de pessoas com identificação mais radical a Bolsonaro, que frequentemente consideram para si “[...] desfechos como matar, morrer ou mesmo serem presos, seja em nome da ‘pátria’, da ‘liberdade’ ou daquele que consideram um ‘mito’” (Kalil 2022, 245). O ápice das manifestações que acolheriam tal perfil seriam aquelas realizadas no 7 de setembro de 2021.

Fundamental pontuar que, ao combinar um aparato midiático (digital) com mecanismos discursivos de mobilização e táticas políticas de construção de hegemonia, a candidatura de Bolsonaro foi capaz de cristalizar um grupo coeso de apoiadores, isso porque articulava uma *cadeia de equivalência* ampla o bastante para abrigar uma série de insatisfações reais ou imaginárias percebidas por determinados setores da sociedade.⁸ Assim, este eleitorado pôde ser alocado em uma identidade política comum, em que a equivalência era construída “[...] através da mobilização de significantes vazios ou flutuantes, frequentemente envolvendo noções vagas de nação, ordem, segurança e mudança” (Cesarino 2020, 98; 2022).

Desde o início, esta estratégia político-eleitoral buscou restringir os apoiadores de Bolsonaro da participação em uma esfera pública de caráter aberto e pluralista, significando, para alguns pesquisadores, a emergência de um *contrapúblico* que compartilha entre si a perspectiva de que suas visões de mundo estão subordinadas a uma cultura dominante que os aliena, silencia e, por vezes, os ridiculariza, cabendo pois fazerem uso de mecanismos performativos de choque e perturbação desta ordem social (Rocha, Solano, and Medeiros, 2021). Nestas circunstâncias, “as mídias sociais, em especial o WhastApp, se tornaram o domínio da verdade e da liberdade de expressão, enquanto a esfera pública passou a ser condenada como o lócus de *fakes* e manipulações” (Cesarino 2020, 104).

Em um ambiente ajustado à circulação de negacionismos, teorias da conspiração, material ofensivo e calunioso contra pessoas ou grupos, avisos urgentes e alarmistas, enunciados distorcidos ou retirados de contexto (Cesarino 2020), já em 2018 o sistema eletrônico de votação passaria a ser colocado na berlinda. A dinâmica se manteria durante o mandato de Bolsonaro e apresentaria seu ápice a partir de maio de 2021, mês que marca o início da tramitação do Projeto de Emenda à Constituição 135/2019 na Câmara dos Deputados, de autoria da deputada Bia Kicis (PL-DF)⁹ e que tinha como objetivo realizar mudanças no sistema de votação brasileiro (Kalil 2022).¹⁰

Será justamente por conta da alegação de fraude eleitoral e pela não aceitação da derrota de Bolsonaro na disputa de 2022 que seus apoiadores passaram a se concentrar em frente aos quartéis do Exército Brasileiro por todo o país nos primeiros dias do mês de novembro daquele ano. Segundo levantamento de Lilian Sendretti (apud Rocha 2023),¹¹ é possível observar um aumento exponencial de protestos categorizados como de “extrema direita” nos últimos quatro anos. Em 2018 foram 147, nos três anos seguintes foram respectivamente 254, 278 e 749 manifestações. Ao chegarmos em 2022, a cifra subiria para 1.822, dos quais 1.786 eram bloqueios, em grande parte realizados após o resultado eleitoral.

A seguir, descreveremos o período que foi passado por um dos pesquisadores junto a estes acampados, evidenciando o trabalho de campo realizado nas cidades de Araraquara e São Carlos no interior paulista, bem como em Brasília, ao longo do mês de dezembro de 2022, a fim de agregar elementos qualitativos a esses dados.

“FORÇAS ARMADAS, SALVEM O BRASIL!”¹²

[...] em alguma incubadora deste país tem que ficar guardada alguma coisa porque a sociedade vai voltar para cobrar, vai pedir, vai querer saber onde é que estão meus valores, o que fizeram com eles? E ela vai achar uma instituição [as forças armadas] que preservou os valores.

General Sérgio Westphalen Etchegoyen (apud Viana 2021, 296).

Agora a gente vê algumas manifestações, algumas visitas, clamando os militares para ver a situação de grave crise econômica, política e social, particularmente, uma crise moral, para que os militares se manifestem. Mas eles não estão buscando os militares nas casernas, estão buscando os nossos valores, os valores de Caxias que está [sic] em desuso.

General Fernando Azevedo e Silva.¹³

Entendemos que esta situação inusitada de uma certa forma de “rebelião” (Arantes, Frias, and Menezes 2024) demandava um esforço etnográfico para se somar ao conjunto de compreensões sobre o que ocorreu,¹⁴ com a necessidade de produzir um primeiro “choque etnográfico”, rápido e disponível instantaneamente, a fim de sondar também como os acampados reagiriam à presença de um pesquisador no local, ainda que de forma não declarada enquanto tal. Isto posto, o trabalho de campo teve início nas duas cidades do interior paulista. Nestes locais, as únicas Organizações Militares (OMs) são os Tiros de Guerra (TGs), os quais, naquela época do ano, se encontravam vazios e “protegidos” somente pela Guarda Municipal. Em Araraquara, o acampamento composto por uma grande tenda foi instalado primeiro em um terreno vizinho ao TG e, posteriormente, transferido para a própria calçada da OM, a qual fornecia energia elétrica para os acampados. Algum tempo depois, a benesse foi retirada. Segundo disseram, o sargento responsável informou precisar encaminhar um pedido de autorização formal a Brasília para que voltasse a fornecer eletricidade à tenda. A autorização nunca veio.

Já em São Carlos, o conjunto de duas barracas pequenas onde funcionava uma dispensa e uma cozinha improvisada foi instalado na calçada oposta ao TG, aproveitando o espaço de uma casa abandonada. Ao contrário de Araraquara, em que a energia para manter as luzes e as geladeiras advinha de uma bateria de carro, em São Carlos a eletricidade era fornecida por um coronel aposentado da Polícia Militar. A fiação saía da casa do militar e percorria todo o quarteirão até o acampamento, e assim era possível manter a iluminação nas tendas até a parte da noite, período de grande concentração de pessoas.

Como esperado, a chegada aos acampamentos gerou interesse por parte dos *patriotas*. A curiosidade se deu, sobretudo, pela idade do pesquisador, uma vez se tratar de um contexto em que aposentados eram maioria. No interior paulista, a identificação ocorreu como aluno da UFSCar, sem, no entanto, indicar de qual curso advinha, mas afirmando ser interessado em questões que envolviam o Exército e os militares no país. Os interlocutores, desconfiados, passaram então a fazer outros questionamentos, objetivando verificar se não se tratava de um “infiltrado” ou “petista”. Queriam saber como o pesquisador havia resistido ao ambiente universitário e às tendências de esquerda que lá seriam maioria, segundo eles. A saída, naquele primeiro contato, foi confirmar as impressões *patriotas* e reiterar os valores adquiridos em família, usando, para tanto, o fato de o avô paterno do pesquisador ser capitão aposentado da Polícia Militar de São Paulo.

Se no interior paulista a questão do “infiltrado” permeava os primeiros dias de pesquisa, em Brasília, pela dimensão do acampamento e pe-

los acontecimentos progressos à chegada na cidade,¹⁵ não houve mais uma identificação como universitário. Para os acampados em frente ao Quartel General do Exército, o pesquisador era um *patriota* que tinha deixado sua cidade de origem e havia se dirigido para lá com o interesse de acompanhar as manifestações. O contato era de certa maneira facilitado pois as informações progressas de Araraquara e São Carlos produziram o *background* necessário para contar, com naturalidade, fatos que envolviam estes outros acampamentos, caso os questionamentos sobre a vida progressa do pesquisador se tornassem mais incisivos.

Em Brasília e no interior paulista, foi possível observar como o “sistema de equivalência” em relação aos potenciais “inimigos” do grupo, de que fala Cesarino (2019; 2020), são uma constante do cotidiano *patriota*. A temática do “infiltrado”, embora se dirigisse ao pesquisador num primeiro momento, era um dado rotineiro dos acampamentos e de postagens em mídias digitais, sendo utilizada ora como categoria acusatória, ora como elemento jocoso entre os próprios acampados.



Figura 3 — O “infiltrado” como categoria acusatória.

Fonte: Twitter/TikTok.

Aos poucos foi possível entender que a identificação de um *patriota verdadeiro* se dava primariamente pelas roupas. A ausência do verde-amarelo e da bandeira nacional eram indicativos de que algo estava “errado” com determinada pessoa. Não raro, houve desconfortos por parte dos interlocutores com pessoas com “roupas comuns” chegando ao acampamento de Brasília. Na verdade, o assunto era uma forma velada de dizer que o próprio pesquisador estava destoando do restante. A roupa utilizada nunca tinha sido um problema no interior paulista, apenas tomava-se o cuidado

de nunca utilizar nenhuma peça na cor vermelha. Mas em Brasília, a blusa preta e a calça verde militar se transformaram em incômodo logo no primeiro dia. O assunto só cessou quando finalmente o pesquisador comprou uma bandeira nacional e a posicionou amarrada no pescoço e voltada para as costas, da mesma forma que outros interlocutores utilizavam. “Agora sim está certo!”, verbalizou uma das interlocutoras.

Mas também havia figuras que estimulavam a paranoia da presença de “infiltrados” dentro do acampamento. Em Brasília dois personagens se destacavam na tarefa: Cláudio Mendes dos Santos, major da reserva da Polícia Militar do Distrito Federal¹⁶ e Marcelo Soares Corrêa, o cabo Corrêa “Mourão”,¹⁷ que circulava pelo acampamento trajando a tradicional boina grená da Brigada Paraquedista. No palco principal, os militares davam instruções para a identificação do “inimigo”: uma pequena entrevista e uma análise das redes sociais. Segundo o cabo Corrêa, “patriota de verdade” teria postagens no celular ou alguma coisa que o identificasse enquanto tal. Mesmo a possível recusa na inspeção das redes sociais era um indicativo de estarem diante de um “infiltrado”.

Aqueles mesmos militares constantemente pediam aos acampados que marchassem durante a execução da Canção do Exército, tocada diversas vezes ao longo do dia. Em outros momentos, pediam que pessoas reunidas em frente ao palco principal repetissem frases de um longo texto sobre a não aceitação do resultado eleitoral, que também era acompanhado da versão em inglês traduzida por duas *patriotas*. Tudo isso, assim como quando os acampados deveriam acompanhar o que era cantado no palco, era ensaiado antes de ser filmado e divulgado nas redes. Não raro, as filmagens precisavam ser refeitas por algum erro cometido durante a execução das palavras de ordem



Figura 4 — Cartazes utilizados durante filmagem no acampamento de Brasília. “Mundo, o Brasil pede socorro! Imprensa corrupta não quer mostrar a verdade para o mundo”.



Figura 5 — Execução de “marcha” — Brasília.
Fonte: arquivo pessoal.

Facilitado pelo ambiente digital, cada vez mais indivíduos diferentes entre si acabam encontrando equivalências mútuas e produzindo diferença

e polarização a partir de bolhas digitais. Este fenômeno foi presenciado inúmeras vezes durante o campo. Não raro, *patriotas* andavam com celulares na mão, filmavam a si próprios e atuavam como *influencers* encorajando outras pessoas a irem para os acampamentos. Em outros momentos, pediam que fossem filmados por outros colegas enquanto dançavam e apelavam para uma reação ativa de quem ainda permanecia em casa. Em alguns casos, as ações eram feitas de forma espontânea e somente depois seu potencial midiático era percebido. Assim, gargalhadas e falas eram reencenadas para serem devidamente gravadas e veiculadas nas redes.¹⁸

Não somente o que era gravado apresentava um forte apelo estético, mas o próprio cotidiano do acampamento era permeado por uma maior atenção com a disposição de corpos e a produção de imagens (Empoli 2020). A começar pela questão da bandeira nacional. Por duas vezes houve o alerta que a bandeira que o pesquisador carregava presa ao pescoço estava “errada”. Numa delas, o tecido encontrava-se de ponta-cabeça, e, ao corrigir, o pesquisador recebeu um elogio sorridente por parte de um dos *patriotas*.

Os *patriotas* demonstravam um verdadeiro êxtase com a bandeira, a qual enfeitava inúmeras barracas. Entusiasmado, um deles contou como havia achado sua bandeira na lama do estacionamento do acampamento. Após lavá-la por três vezes, impressionou-se com o resultado: o branco de suas estrelas brilhava ao céu e realizava um sonho de menino em ter uma bandeira igualzinha aos bandeirões de estádio, segundo ele. Em outra ocasião, uma senhora ficou visivelmente maravilhada ao ser ajudada a instalar sua bandeira no poste, e posteriormente poder fazer fotos suas e de suas amigas com a bandeira e o QG ao fundo.

Inversamente ao carinho com o verde-amarelo, os acampados tinham verdadeiro horror ao vermelho. Por duas vezes, presenciou-se contestações sobre a bandeira do Pará e a necessidade de “modificá-la”. Nem mesmo um Uber que conduzia o pesquisador passou ileso. Apenas pelo fato de ser vermelho e nenhum de seus ocupantes fazerem saudações aos acampados foi o bastante para que uma senhora gritasse “Lula ladrão” em direção à lataria do automóvel.

Tanto em Brasília como no interior paulista, eram comuns os carros que passavam defronte ao acampamento buzinando em sinal de apoio ou fazendo o característico “L” em “provocação” aos acampados. Algumas vezes, tais veículos eram objeto de garrafadas e xingamentos ou, se surgisse a oportunidade, seus ocupantes eram agredidos. Quando constatadas tais agressões ou garrafadas, por duas vezes presenciou-se o major Claudio Santos fazendo com que os *patriotas* em frente ao palco principal repetissem, quase que de forma escolar e infantilizada, que não mais teriam aquele tipo de atitude. Todavia, mesmo os veículos simpáticos àquela concentração de pessoas

eram objeto de críticas. Segundo os patriotas, a agitação das buzinas deveria ser revertida em presença daquelas mesmas pessoas no acampamento.

No acampamento defronte ao QG do Exército, o palco principal era montado a partir da carroceria de um caminhão de som, instalado com autorização da Força, segundo o major Claudio Santos. Próximo a ele encontrava-se uma grande tenda onde funcionava a cozinha da *família patriota*, a qual servia café da manhã, almoço, café da tarde e jantar gratuitamente. Além das refeições, ao longo de todo o dia pessoas podiam livremente retirar garrafas de água lacradas da cozinha para se hidratarem. Não foram poucas as vezes que se presenciou a chegada de caixas com inúmeros alimentos e suprimentos para a cozinha; tudo seria fruto de doações, disseram. Pelas paredes, uma série de imagens de soldados com mensagens motivacionais, bem como propagandas da Rádio Verde-Oliva, a rádio oficial do Exército Brasileiro. No mesmo recinto, havia ainda um *stand* de fotos improvisado com a árvore de Natal e uma imagem de Bolsonaro onde *patriotas* tiravam fotos esporadicamente.



Figura 6 — Na “cozinha da família patriota”.

Abaixo da inscrição em referência ao então comandante do Exército, lê-se: “arregou”.

Fonte: arquivo pessoal.

Perto dali, ao contrário das tradicionais camisetas de Jair Bolsonaro, vendiam-se blusas camufladas e com temáticas em verde-amarelo. A “marca” Bolsonaro, característica dos produtos vendidos no período eleitoral de 2018, não estava mais no horizonte estético daqueles *patriotas* (Cesarino 2020). Tal ausência poderia ser explicada pelo fato de que, desde o início a iniciativa dos acampamentos, procurava se distanciar da imagem do Capitão como agente incitador; com isso em mente, “[...] ocorreu um esforço de conscientização de que os protestos não poderiam ter o nome de Bolsonaro, nem camisetas dele, nem músicas que não fossem hinos oficiais” (Medeiros 2022a).



Figura 7 — Camisetas comuns no acampamento de Brasília.
Fonte: retirado da *web*.

Na capital do país, a Avenida do Exército, em frente ao QG, era patrulhada por jovens soldados da Polícia do Exército (PE). Eram os mesmos soldados que sorrateiramente filmavam patriotas gritando “Lula ladrão, seu lugar é na prisão!”, como também prontamente explicaram aos acampados que não havia nenhuma ordem de desmobilização das barracas e tendas após alguns homens com roupas camufladas terem passado avisando que tudo deveria ser removido. Estávamos ainda no dia 27 de dezembro, e autoridades do governo Lula afirmavam peremptoriamente que o acampamento de Brasília estava sendo “desativado” (Mestre 2022).

Além de uma infinidade de carros simpáticos à concentração, outra coisa presenciada pelo pesquisador foi a van do General Eduardo Dias da Costa Villas Bôas, ex-comandante do Exército, circulando pela Avenida (Alves 2022). Com sua mulher alegremente cumprimentando os *patriotas*

que voltavam do “buzinação dos caminhoneiros”, realizado numa rua lateral ao QG, a ilustre visita deu ânimo a todos que prontamente passaram a se concentrar na calçada, na expectativa que a van fizesse mais uma meia volta e passasse próxima ao meio-fio. A “vibração”¹⁹ com a presença do general, combinada com a passagem de uma viatura da Polícia Militar, deu ânimo para que todos exteriorizassem aos policiais que estes “prendessem Lula” de uma vez por todas.

Apesar das menções a Lula e ao Partido dos Trabalhadores, chamava a atenção a numerosa e constante referência ao ministro do STF, Alexandre de Moraes. Objeto de xingamentos e elocubrações sobre seus supostos “traços de psicopatia”, o ministro, também apelidado de “Xandão” ou “cabeça de ovo”, era frequentemente referenciado como um “ditador” que precisava ser impedido o mais rápido possível.²⁰ Tais caracterizações de Moraes presenciadas nos acampamentos também eram recorrentes nas mídias digitais *patriotas*.



Figura 8 — Representações do Ministro Alexandre de Moraes em mídias digitais.
Fonte: @kacio.art no Instagram.

Ainda na Capital Federal, toda a Praça dos Cristais, em frente ao QG,²¹ encontrava-se ocupada por tendas e barracas, as quais em sua maioria também eram fruto de “doações”, segundo diziam. Não raras vezes, pessoas

recém-chegadas ao acampamento conseguiam barracas, colchões e um espaço na tenda de alguém para passarem os próximos dias. Os que vinham de carro aproveitavam o estacionamento lateral ao Hotel de Trânsito de Oficiais do Exército para deixarem seus veículos. Os soldados da PE que controlavam o fluxo de carros na região nada faziam sobre a prática, que era replicada em um terreno vizinho à Praça. Tudo revelava uma íntima identificação entre o acampamento e a instituição militar, muito para além de uma simples “convivência” como reiterado por jornalistas após os episódios de 8 de janeiro de 2023.²²

A rotina dos acampamentos, tanto do interior paulista quanto de Brasília, era muito similar, com exceção do “buzinaço dos caminhoneiros” realizado todos os dias às 16h neste último. De resto, os horários de oração eram os mesmos, quase sempre às 8h da manhã e às 17h da tarde. Em São Carlos e Araraquara, havia uma predominância católica, com rezas à Nossa Senhora e a execução completa do Rosário. Já em Brasília, além do espaço reservado à “orientação religiosa”, o palco principal congregava tanto pregações e louvores evangélicos quanto rezas também à Nossa Senhora Aparecida. Nos momentos “difíceis”, como após a última *live* de Bolsonaro no dia 30 de dezembro, os louvores e a repetição da frase “feliz é a nação cujo Deus é o Senhor”, animavam o acampamento e forneciam esperança aos *patriotas* que, abertamente, questionavam se não estariam “sendo feitos de idiota”.



Figura 9 — “Buzinaço dos caminhoneiros” — Brasília (dezembro de 2022).
Fonte: arquivo pessoal.



Figura 10 — Espaço de “orientação religiosa” e pregação no palco principal — Brasília (dezembro de 2022).

Fonte: arquivo pessoal.



Figura 11 — Execução do Rosário — São Carlos (dezembro de 2022).

Fonte: arquivo pessoal.

Enquanto isso, pelas redes sociais, militares da ativa e reserva das forças armadas estimulavam as concentrações em frente aos quartéis de todo o país desde novembro daquele ano. Utilizavam para tanto o argumento que vinha desde as manifestações do campo *patriota* nos dois primeiros mandatos de Lula na Presidência: as concentrações eram ordeiras e, sobretudo, legítimas.



General Hamilton Mourão @GeneralMourao

O clamor das manifestações a que assistimos desde a proclamação do resultado das urnas, que permaneceram sem o voto impresso e auditável, é legítimo, por mais que muitos tenham tentado classificá-lo de “antidemocrático”.

13:35 · 14 dez 22

18,3K Retweets

1.776 Tweets com comentário 113K Curtidas



General Girão Monteiro @GeneralGirao · 11 de nov

A fé e o desejo de um país melhor é o que nos move. A manifestação popular e patriótica é ordeira e constitucional. Será que algum ditador teria a insensatez de contrapor crianças, idosos e famílias cidadãs? As Forças Armadas já demonstraram que estarão do lado do povo; sempre! 🇧🇷



108

514

2.368



General Paulo Chagas @Ge... · 20 nov

Diante das atitudes arbitrárias e extrajurídicas tomadas pelas "Supremas Autoridades" e que colocam sob suspeita o seu conceito de democracia, o socorro pedido às Forças Armadas pela parcela inconformada da população passa a ser uma LEGÍTIMA reação de autodefesa!



2.585

9.114

36,1K



Figura 12 — Generais defendem acampamentos pelo país.
Fonte: Twitter.

Para o general Villas Bôas, as manifestações “pacíficas” de “pessoas de todas as idades, identificadas com o verde e o amarelo” seriam uma reação aos “atentados à democracia, à independência dos poderes, as ameaças à liberdade” e, especialmente, por conta das “dúvidas sobre o processo eleitoral”.²³ Tais dúvidas eram devidamente alimentadas pelas próprias forças armadas, com a divulgação, no dia 9 de novembro de 2022, de um dúbio documento de 65 páginas sobre o processo de auditoria do sistema eletrônico de votação (*UOL Notícias* 2022).

A mensagem seria reiterada dois dias depois por uma nota do Ministério da Defesa, a qual afirmava que os estudos realizados pelos militares não excluía “a possibilidade da existência de fraude ou inconsistência nas urnas eletrônicas e no processo eleitoral de 2022” (Ministério da Defesa 2022). Um dia depois, nova nota, dessa vez assinada pelos três comandantes das forças armadas, reiterava a constitucionalidade das manifestações em frente aos quartéis (Rodrigues 2022). No final de dezembro, quando o pesquisador chegou ao acampamento, esta mesma nota era lida na íntegra no palco principal como forma de reiterar a legitimidade do que lá faziam os *patriotas*.

Além do acampamento instalado na Praça dos Cristais, *todos os dias os patriotas faziam visitas ao Palácio da Alvorada*, residência oficial da Presidência da República, sempre em dois horários: durante a manhã, quando as bandeiras do Palácio eram hasteadas, e no final da tarde, quando os Dragões da Independência as arriavam. Bolsonaro chegou a receber seus apoiadores algumas vezes (Soares and Gullino 2022). Além de cumprimentos ao capitão, as visitas eram aproveitadas para a encenação de marchas e gravação de vídeos a serem divulgados nas mídias digitais. Na oportunidade da pesquisa, observou-se uma mal-feita revista de seguranças do Gabinete de Segurança Institucional nas pessoas que desejavam entrar e, depois do arriamento das bandeiras oficiais, fora realizada uma “marcha de mulheres” acompanhada de uma canção em apoio à Bolsonaro e à primeira-dama Michelle.



Figura 13 — “Marcha das mulheres” — Palácio da Alvorada (dezembro de 2022).
“Povo do Brasil, preste muita atenção / As mulheres do Brasil lutam juntas com o Capitão!
/ Somos mães, avós, somos filhas do Brasil / Nosso grito é diferente, mas tem força de fuzil!
/ Ouça mundo, preste atenção! / Unidas nós marchamos para salvar nossa Nação”.
Fonte: arquivo pessoal.

Bombardeados por uma quantidade avassaladora de informações através de mídias digitais, alguns dos interlocutores vocalizavam uma certa incapacidade de distinguir o real do imaginário. Tratava-se de um dos efeitos do modelo de comunicação estabelecido entre Bolsonaro e seus seguidores (Cesarino 2019; 2020; Castro Rocha, 2019). Entretanto, por diversas vezes foram observados pedidos pela não replicação de notícias falsas, como a de que um caminhão de mudança não teria ido ao Palácio da Alvorada retirar os móveis presidenciais²⁴ ou de um suposto *site* que confirmava o voto nas urnas mediante a inserção do CPF e o “cruzamento de dados advindos do Tribunal Superior Eleitoral”.

Figura 14 — Site “meu voto impresso”.

Fonte: <https://meuvoto.org/>.

Os *patriotas* que conversaram com o pesquisador externavam ainda a exaustão com tantas mensagens no celular. E a saída para tal cansaço era dada nos seguintes termos: todos deveriam parar de assistir televisão, não se apegarem demais aos inúmeros *influencers* com “síndrome de mãe Dináh”²⁵ e se aterem a um único meio de comunicação: o Diário Oficial da União. Por lá, o Capitão escreveria o futuro do país.

Todavia, lendo ou não as mensagens nos grupos de WhatsApp, frequentemente criados e administrados por pessoas desconhecidas, os *patriotas* não deixavam de falar sobre “movimentações militares nas fronteiras”, em especial no estado de Roraima; convocatórias do Exército aos reservistas; “novas mobilizações” previstas em um manual do Ministério da Defesa²⁶ e mensagens subliminares dadas por postagens do presidente, que, ao concluir sua última *live* com o grito de “selva!”, chamava todos para a “guerra”.²⁷ Desta forma, tanto as redes presidenciais quanto as publicações oficiais do Exército e da Defesa alimentavam uma espiral conspiracionista que podia ser atestada entre os acampados.

Exército Brasileiro 🇧🇷 · 28 nov 22
O Comando de Fronteira Roraima /7ºBIS segue mantendo seu estado de prontidão.

A tropa de **#Selva** conduziu adestramento em **#Operações** Ribeirinhas empregando meios fluviais orgânicos da Companhia JAGUAR, fração especializada em infiltração através selva.

#BraçoForte



1.275 2.305 15,4K



Ana Amelia 🇧🇷
@amelialimab612

Bolsonaro jogou dentro das 4 linhas da Constituição, o adversário blefou, agora aguenta as consequências. Conforme publicação no DOU, o Ministro da Defesa, General Paulo Sérgio, aprova o manual de Mobilização Militar.



in.gov.br/en/web/dou/-/p...

6:31 · 06 dez 22

162 Retweets 5 Comentários 674 Curtidas

Exército Brasileiro 🇧🇷 · 04 dez 22
Conhece alguém que serviu no Exército nos últimos 5 anos?

Atenção ao período do Exercício de Apresentação da Reserva (EXARNET).

Saiba mais no portal do EXARNET:
exarnet.eb.mil.br

#EXARNET



806 3.484 15,8K



@Jopelim @PrJosiasPerei... · 05 dez 22
ATENÇÃO

- Movimentação das FFAA em toda parte.
 - O Ofício nº 2/GAB SUB 2º OF/PGJM/MPM contra o STF
 - PORTARIA do Min da Defesa publicada em DO Aprova o **Manual de Mobilização Militar**
 - Os QGs estão lotados de Norte a Sul
 - Oficinas AGUARDANDO O COMANDO
- 🇧🇷 Só DEPENDE do Presidente



6 47 137

Figura 15 — Publicações oficiais no Twitter e a espiral conspiracionista.
Fonte: Twitter.

O trabalho de campo entre os patriotas se encerrou no dia 30 de dezembro. Naquele dia, o Capitão deu seu adeus em *live* pelas redes sociais e embarcou para os Estados Unidos. A precedência hierarquica organizou a

“despedida” final, que coube ao General Hamilton Mourão como presidente da República em exercício, em uma transmissão em cadeia nacional de rádio e televisão no dia seguinte.²⁸

Após a fala de Mourão muitos patriotas deixaram o acampamento, pelo que acompanhamos via redes sociais. Alguns de nossos interlocutores decidiram voltar para suas casas; muitos estavam há mais de sessenta dias acampados. Esses mesmos, surpreendentemente, voltariam no dia 7 de janeiro a Brasília e acabariam presos pela depredação das sedes dos Três Poderes.

Nos acampamentos, vimos pessoas em sua maioria com mais de 40 anos e não necessariamente aposentadas, em busca de outras formas de sociabilidade e que encontraram por lá interações com *patriotas* de todo o país ou mesmo entre moradores de uma mesma cidade, como no caso do interior paulista. Entre jogos de dominó e risadas, repetidas vezes estas pessoas que rezavam o terço e cantavam louvores evangélicos juntas diziam que estar no acampamento era um “vício” e que poucas saberiam “lidar com o fim daquilo tudo”. Confirmava-se a tese de Giuliano da Empoli (2020), segundo a qual, “para quem vive em condições de real isolamento, aderir ao carnaval populista significa fazer parte de uma comunidade e, em certo sentido, mudar de vida, mesmo se os objetivos políticos da iniciativa não são atingidos” (Empoli 2020, 98). Assim, pode-se entender que a “guerra” patriota, apesar de sua faceta tenebrosa, não deixava de ser a concretização de uma identidade e um novo lugar de reconhecimento (Cesarino 2019).

EPÍLOGO? UMA HISTÓRIA LONGE DE TERMINAR

Como todos vimos, houve um desfecho de todo esse ciclo no dia 8/1. Uma questão que fica é se esse é o único desfecho a ser considerado, ou se ele é *parte de um movimento maior que ainda não cessou*. Ainda que de forma um tanto preliminar, gostaríamos de sustentar que enquadramentos com tantas variáveis como as que vimos aqui — e que ainda aparecem em todo o processo que nos bombardeia cotidianamente com “*breaking news*” — dificilmente amarra um fim e (e em) uma *única explicação*.

Para nosso propósito neste artigo, cabe apenas ressaltar dois pontos que nos parecem centrais: inicialmente, que a ideia de “intervenção militar” já vinha sendo gestada há bastante tempo.

Em seguida, com o ocaso do governo Bolsonaro, parece que a mesma base que sempre realizou uma leitura mais radicalizada dos processos políticos desde 2014 pelo menos resolveu se galvanizar na frente dos quartéis e assumir de forma mais tangenciável uma feição identitária, pela qual aqui optamos, seguindo a própria categoria nativa, por chamar de *patriotas*. Outros, como é o caso de Arantes, Frias e Meneses (2024), viram uma

espécie de “deslize semântico” que produziu a comutação da identidade “positiva” do “cidadão de bem” em “Mané”, convertendo a suposta ofensa que o Ministro do STF fez em relação a alguém que o questionou sobre o resultado das eleições (“perdeu, Mané”) em uma chave para a “rebelião” em Brasília.

Em primeiro lugar, um dos elementos mais notáveis da persistência deste discurso de intervenção é que ele sempre se valeu da noção de que “a política” — tomada de forma genérica mesmo — era nada mais do que uma grande conspiração de elites “globalistas” que se aliava a um projeto proto-comunista de reabilitação de Lula ao poder, cumprindo uma espécie de profecia autorrealizável já enunciada anos antes nas ideias de Olavo de Carvalho, por exemplo (Castro Rocha 2020). De maneira sintomática isto também apareceu em textos militares, sendo o mais notável o “Projeto Brasil 2035”, idealizado e gestado nos Institutos Sagres e Villas-Bôas²⁹ e com ampla participação da comunidade militar em sua realização. Como é bem mostrado na ampla coletânea que se debruçou sobre este projeto, coordenada por Manuel Domingos Neto (2022), sobre vários aspectos vemos ali uma projeção do futuro com muitas caras do passado, particularmente aquelas que reavivam temas de “1964”, como o anti-comunismo (Teixeira da Silva 2022; Genoio 2022; Costa Pinto 2022). Tais persistências ideológicas, inclusive, foram notadas por Lentz (2022) como base de uma politização dos militares, que sedimentaram na longa duração as ideias da Doutrina de Segurança Nacional. Esta posição, nos parece, foi essencial para que o imaginário da parcela da população engatada no discurso antissistema voltasse ao velho mantra da “intervenção militar”, dessa vez para valer, em Brasília.³⁰

Em segundo lugar, é preciso considerar que as manifestações foram realizadas na frente de quartéis. Desde os atos de 8/1, passando pela CPI dos atos golpistas, ficou bastante claro que havia não somente tolerância, mas, principalmente, apoio da cadeia de comando para que aquele evento ganhasse adensamento, tração e finalmente tomasse a direção que tomou. Há muito material sobre isto e não cabe aqui retomar todos os acontecimentos ocorridos, mas cabe chamar a atenção sobre um fato específico: nada ocorre numa área militar sem consentimento, isto é um fundamento da hierarquia e disciplina e está colocado nos regulamentos militares (Leirner 1997). Não se tratou, assim, somente do fato de que o “Exército não apoiou”: ou agia, ou não.

Para além da forma de atuação de setores da chamadas Forças Especiais que ficaram evidentes na CPI, nos parece particularmente crítica a forma como os eventos ocorreram de forma consentida; quem se manifestava ali foi levado a crer que tinha completo endosso da instituição militar para

uma intervenção *mais longa* (Arantes, Frias, and Menezes 2024). Pode se dizer, de forma análoga, que algo familiar a este movimento ocorreu quando Bolsonaro realizou um comício na Academia Militar das Agulhas Negras em 2014: houve consentimento para um ato político dentro do quartel, algo que os militares (cf. Leirner 2020), particularmente o comandante da AMAN de então — e hoje Comandante do Exército, General Tomás Ribeiro Paiva — negam que tenha ocorrido com a “ciência do que estava acontecendo”.

Esses mecanismos de negação com aparentes mudanças de posição têm sido uma constante do comportamento político de militares desde o final da ditadura – ou até mesmo antes, como mostrou Lucas Pedretti em um artigo recente (2024), em que ele mostra a fabricação estruturada de uma negação da “linha dura” durante a ditadura. Como também mostra Souza (2021), isso se estruturou de maneira orgânica e repetida ao longo dos anos como uma forma de dissimulação, própria da mentalidade militar. Para encurtar, militares operaram como se fossem coadjuvantes, quando estavam agindo no papel principal.

Este ponto, nos parece, é fundamental para entender a ação política dos militares nos últimos anos. Gostaríamos de ressaltar isto: seu protagonismo sempre foi minimizado por eles, que procuraram constantemente afirmar que foram vítimas de um processo de cooptação por Bolsonaro. Temos reservas em relação a esta posição, especialmente porque, se ela ocorreu, poderia ter sido freada desde seu início, bastando para isto usar os próprios regulamentos militares e seu papel definido na Constituição.

REFERÊNCIAS

Agência PT. 2015. “Acampamento golpista em frente ao Congresso é extinto”. *Agência PT* 11 (Nov.). pt.org.br/acampamento-golpista-em-frente-ao-congresso-e-extinto/.

Alonso, Angela. 2023. *Treze: A política de rua de Lula a Dilma*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras.

Alves, Chico. 2022. Mulher do general Villas Boas visita e acena a golpistas no QG do Exército. *UOL Notícias* (Dez.). noticias.uol.com.br/colunas/chico-alves/2022/12/28/mulher-do-general-villas-boas-visita-e-acena-a-golpistas-no-qg-do-exercito.htm.

Arantes, Pedro Fiori, Fernando Frias, and Maria Luiza Menezes. 2024. *8/1 a rebelião dos manés ou esquerda e direita nos espelhos*. São Paulo: Editora Hedra.

Brito, Orlando. 2018. “Fotografia é História: Há três anos, em frente o Congresso”. *Os Divergentes* (Nov.). osdivergentes.com.br/orlando-brito/fotografia-e-historia-ha-tres-anos-em-frente-o-congresso/.

Castro, Celso. 2004. *O espírito militar: um estudo de antropologia social na Academia Militar das Agulhas Negras*. Rio de Janeiro: Zahar.

Cesarino, Letícia. 2019. “Identidade e representação no bolsonarismo”. *Revista de Antropologia* 62: 530–57.

Cesarino, Letícia. 2020. “Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil”. *Internet & Sociedade* 1: 92–120.

Cesarino, Letícia. 2022. “Bolsonarismo sem Bolsonaro? Públicos antiestruturais na nova fronteira cibernética”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* 82: 162–88. doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v1182p162-188.

Codato, Adriano, Bruno Bolognesi, and Karolina Mattos Roeder. 2015. “A nova direita brasileira: Uma análise da dinâmica partidária e eleitoral no campo conservador”. In *Direita, volver!: O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*, edited by Sebastião Velasco e Cruz, André Kaysel, and Gustavo Cotas. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Congresso em Foco. 2015. “Grupo pró-intervenção militar leva boneco de general exonerado após críticas ao governo”. *Congresso em Foco* (Nov.). congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/grupo-pro-intervencao-militar-leva-boneco-de-general-exonerado-apos-critica-ao-governo.

Congresso Nacional. 2023. *Parecer Requerimento n. 1 de 2023*. Comissão Parlamentar Mista de Inquérito dos Atos de 8 de Janeiro de 2023. Brasília: Congresso Nacional. legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2606.

Corrêa, Cabo. 2022. “Infelizmente nem todos honram...”. *Tiktok* (Set.). www.tiktok.com/@cb.correa/video/7145484770418363653?_r=1&_t=sjdfNVdoc0j&social_sharing=1.

Costa Pinto, Eduardo. 2022. “Globalismo, um encontro doutrinário”. In *Comentários a um delírio militarista*, edited by Manuel Domingos Neto. 1 ed. Fortaleza: Gabinete de Leitura.

Domingos Neto, Manuel. 2022. *Comentários a um delírio militarista*. 1 ed. Fortaleza: Gabinete de Leitura.

Empoli, Giuliano da. 2020. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio.

Folhapress. 2018. “Boneco inflável de Mourão começa tour por São Paulo” (Set.). ndmais.com.br/politica/boneco-inflavel-de-mourao-comeca-tour-por-sao-paulo.

Genoino, José. 2022. “Implicação do Projeto na conjuntura e na estratégia”. In *Comentários a um delírio militarista*, edited by Manuel Domingos Neto. 1 ed. Fortaleza: Gabinete de Leitura.

Jeronimo, Josie. 2014. “O candidato dos milicos”. *IstoÉ* (Fev.). istoe.com.br/350106_O+CANDIDATO+DOS+MILICOS/.

Kalil, Isabela. 2022. Do “cidadão de bem” ao “patriota”: eleições, desinformação e extremismo. In *Democracia e eleições no Brasil: para onde vamos?*, v. 1, edited by Magna Inácio and Vanessa Elias de Oliveira. 1. ed. São Paulo: Anpocs/Hucitec, 2022: 237–51.

Laclau, Ernesto. 2005. *On populist reason*. Londres: Verso.

Leirner, Piero. 1997. *Meia-Volta, Volver: um estudo antropológico sobre a hierarquia militar*. 1 ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: FGV/FAPESP.

Leirner, Piero. 2020. *O Brasil no Espectro de uma Guerra Híbrida*. São Paulo: Alameda.

Leirner, Piero. 2024. “Ensaio sobre 2013 e uma guerra híbrida fora de lugar”. *Revista de Antropologia da UFSCar* 15, no. 1 (Jan./Jun.).

Lentz, Rodrigo. 2022. República de segurança nacional — militares e política no Brasil. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Rosa Luxemburgo.

Lopes, Marcus. 2014. “Um general na Presidência?”. *O Globo* (Mar.). gq.globo.com/Prazeres/Poder/noticia/2014/03/um-general-na-presidencia.html.

Medeiros, Jonas. 2022a. “Ato por intervenção em SP: da desobediência civil ao golpe”. *Poder 360* (Nov.). www.poder360.com.br/opinioao/ato-por-intervencao-em-sp-da-desobediencia-civil-ao-golpe.

Medeiros Jonas. 2022b. “Ato na Proclamação da República o eterno retorno do golpismo militar”. *Poder 360* (Nov.). www.poder360.com.br/opinioao/ato-na-proclamacao-da-republica-o-eterno-retorno-do-golpismo-militar.

Medeiros Jonas. 2022c. “Depois do dia D da diplomação: da espera passiva à violência ativa?”. *Poder 360* (Dez.). www.poder360.com.br/opinioao/depois-do-dia-d-da-diplomacao-da-espera-passiva-a-violencia-ativa.

Medeiros, Jonas. 2023a. “O fim de um mundo: os patriotas na oposição ao governo empossado”. *Poder 360* (Jan.). www.poder360.com.br/opiniaio/o-fim-de-um-mundo-os-patriotas-na-oposicao-ao-governo-empossado.

Medeiros, Jonas. 2023b. “O ‘Capitólio brasileiro’ se consumou: da profanação à lei e ordem”. *Poder 360* (Jan.). www.poder360.com.br/opiniaio/o-capitolio-brasileiro-se-consumou-da-profanacao-a-lei-e-ordem.

Mello, Igor. 2023. “Extremista que participou de 8/1 teve encontros com Bolsonaro e Mourão”. *UOL Notícias* (Jan.). noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/01/12/extremista-mourao-bolsonaro.htm.

Mestre, Gabriela. 2022. “Acampamento em Brasília já está sendo desativado, diz Flavio Dino”. *Poder 360* (Dez.). www.poder360.com.br/justica/acampamento-em-brasilia-ja-esta-sendo-desativado-diz-flavio-dino.

Ministério da Defesa. 2022. *Relatório das forças armadas não exclui a possibilidade de fraude ou inconsistência nas urnas eletrônicas* (Nov.). www.gov.br/defesa/pt-br/centrais-de-conteudo/relatorio-das-forcas-armadas-nao-excluiu-a-possibilidade-de-fraude-ou-inconsistencia-nas-urnas-eletronicas.

Moreira, Guilherme Alessandro Lemos da Silva. 2023. “Generais entre poderes: uma rotina de ‘indisciplina’, ‘crises’ e ‘insubordinação’ (2007-2018)”. *Teoria & Pesquisa Revista De Ciência Política* 32 (esp.2). São Carlos: e023017. doi.org/10.14244/tp.v32iesp.2.985.

Mouffe, Chantal. 2000. *The democratic paradox*. Londres: Verso.

Nobre, Marcos. 2022. *Limites da democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro*. 1. ed. São Paulo: Todavia.

Pimentel de Souza, Marcelo. 2021. “A palavra convence e o exemplo arrasta”. In *Os militares e a crise brasileira*, edited by João Roberto Martins Filho. São Paulo: Alameda.

Raphael, Pablo. 2016. “Acampado na Paulista: como é um dia do grupo que quer derrubar Dilma na rua”. *UOL Notícias* (Mar.). noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/03/20/acampado-na-paulista-24h-com-grupo-que-quer-derrubar-dilma-ocupando-a-rua.html?cmpid=copiaecola.

Rios, Alan. 2023. “Líder de atos no QG diz que acampamento tinha reza e ‘curava doenças’”. *Metrópoles* (Nov.). www.metropoles.com/distrito-federal/lider-de-atos-no-qq-diz-que-acampamento-tinha-reza-e-curava-doencas.

Rocha, Camila, Esther Solano, and Jonas Medeiros. 2021. *The Bolsonaro Paradox: Public Sphere and Right-Wing Counterpublicity in Contemporary Brazil*. Cham: Springer.

Rocha, Camila. 2021. *Menos Marx, Mais Mises*. São Paulo: Todavia.

Castro Rocha, João César. 2021. *Guerra cultural e retórica do ódio*. Goiânia: Caminhos.

Rodrigues, Alex. 2022. “Comandantes militares condenam restrições a direitos de manifestantes”. *Agência Brasil* (Nov.). agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-11/comandantes-militares-condenam-restricoes-direitos-de-manifestantes.

Santos, Eduardo Heleno de Jesus. 2021. Controle civil? A ascensão de Bolsonaro e a encruzilhada do Brasil — militares, forças armadas e política. In *Os militares e a Crise Brasileira*, edited by João Roberto Martins Filho. 1. ed. Campinas: Alameda.

Schmitt, Ederson. 2021. “Uma Breve História do Voto Impresso no Brasil”. *Jovens Cronistas*. www.jcronistas.com/2021/08/ederson-schmitt-uma-breve-historia-do.html.

Soares, Jussara, and Daniel Gullino. 2022. “Bolsonaro quebra o silêncio e fala com apoiadores no Alvorada”. *O Globo* (Dez.). oglobo.globo.com/politica/noticia/2022/12/bolsonaro-quebra-o-silencio-e-fala-com-apoiadores-no-alvorada.ghtml.

Souza, Marcelo Pimentel Jorge de. 2021. “A palavra convence, o exemplo arrasta”. In *Os militares e a crise brasileira*, edited by João Roberto Martins Filho. 1. ed. São Paulo: Alameda.

Teixeira da Silva, Francisco. 2022. “Socioleto militarista-autoritário”. In *Comentários a um delírio militarista*, edited by Manuel Domingos Neto. 1. ed. Fortaleza: Gabinete de Leitura.

UOL Notícias. 2022. “Leia a íntegra do relatório da Defesa sobre a fiscalização das urnas” (Nov.). noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/11/09/integra-oficio-defesa-urnas.htm.

Viana, Natalia. 2021. *Dano colateral: a intervenção dos militares na segurança pública*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva.

Vizeu, Rodrigo. 2015. “General pede ‘despertar para luta patriótica’”. *Folha de S. Paulo* (Out.). acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=20383&keyword=Mourao&anchor=6005229&origem=busca&originURL=&pd=9dae2e320d9b13c5b1f4ddb4ec593ebb.

ENTRE “PATRIOTAS”: DOS ACAMPAMENTOS AO 8/1.

RESUMO

Este artigo tem por objetivo mostrar a recente dinâmica de formação de um campo discursivo à direita que culminou nos eventos de 8 de janeiro de 2023. Mostraremos como uma série de deslizamentos, sequestros e imagens especulares produziram um campo político que se define por uma espécie de ação performática promotora de uma nova identidade e de um novo lugar de reconhecimento em grande parte associado ao militarismo intervencionista. Analisando a relação de aparente inação plasmada a uma chancela da Instituição Militar aos pedidos de intervenção, observamos uma duplicidade de posições intencional por parte da cadeia de comando militar. Isto foi identificado tanto recapitulando posições políticas ao longo dos últimos anos quanto em uma pesquisa de campo nos próprios acampamentos. Como hipótese, sugerimos que a instituição investiu na ideia da adesão voluntária de militares arrastados para a política por um histriônico líder populista que galvanizava uma ação política radical nos acampamentos, enquanto a instituição procurava se preservar. Assim sendo, este trabalho é também um esforço interpretativo de situar outros reflexos possíveis junto ao espelho *patriota* dos acampamentos.

Palavras-chave: “Patriotas”; Acampamentos; Exército Brasileiro.

ABSTRACT

This article aims to present the dynamics in forming the recent right-wing discursive field in Brazil, ultimately leading to the events of January 8, 2023. We intend to show how a series of slip-ups, appropriations, and specular images has engendered a political field that can be defined by a performative action that promotes a new identity and a new locus of recognition largely tied to interventionist militarism. Examining an apparent inaction, framed by the Brazilian military institution’s alleged endorsement of the protesters’ calls for intervention, we noticed an intentional duplicity of positions within the military chain of command. We observed this both positions through recapitulating political positions over the last few years and through field research in the “patriots’ encampments” that took place in front of the army headquarters. Our hypothesis is that the institution focused on the idea of voluntary adherence by military personnel dragged into politics by a populist leader, who galvanized radical political action within the camps, while the institution sought to preserve itself. Therefore, this work is also an interpretative endeavor to situate other possible reflections from the patriotic mirror of these encampments.

Keywords: “Patriots”; Encampments; Brazilian Army.

Recebido em 07/03/2024. Aceito para publicação em 13/08/2024.

NOTAS

1. g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2023/01/08/lula-visita-araquara.ghtml.
2. g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/08/video-ministro-da-secretaria-de-comunicacao-diz-que-armas-e-municoes-do-gsi-foram-roubadas.ghtml.
3. Copa do Mundo de 2014 que, não podemos esquecer, foi palco da nossa maior humilhação neste terreno, que sempre foi central na assim chamada identidade nacional, o futebol e a derrota por 7 a 1 para a Alemanha, em um jogo que ficou marcado pela “paralisia” da seleção brasileira. As milhões de camisetas que foram envergonhadas, saíram das gavetas em um processo de expurgo político reverso. O quanto a agenda dos protestos de 2013 contra os eventos serviu de protoplasma para esta re-engenharia das camisetas é uma questão permeada por intermináveis debates (Leirner 2024).
4. Não coincidentemente, quatro anos depois o General Mourão se filiaria ao mesmo PRTB e, posteriormente, despontaria como companheiro de chapa de Bolsonaro. www.poder360.com.br/eleicoes/pro-intervencao-militar-general-mourao-filia-se-ao-prtb-de-levy-fidelix/.
5. Para uma cronologia detalhada da trajetória militar do General Girão Monteiro e sua posterior inserção política, consultar Moreira (2023).
6. Jair Bolsonaro em referência aos seus apoiadores em evento de lançamento da chapa presidencial para as eleições de 2022. twitter.com/Terra/status/1551269733109944322.
7. O que não deixa de ser curioso, pois “na redemocratização, marchas dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e outros movimentos populares, dos povos indígenas, sindicatos e estudantes, mesmo com anseios antissistêmicos, sempre respeitaram a intocabilidade de Brasília” (Arantes, Frias, and Menezes 2024, 25).
8. A noção de “cadeia de equivalência” tem sua inspiração em Ernesto Laclau (2005) e Chantal Mouffe (2000), e diz respeito ao processo de agregação de inúmeros significantes a um determinado significado (por exemplo, “família” a “anticomunismo” e ambos a “Pátria”, só para ficar no tema). Uma exploração deste termo para a situação do Brasil em 2018 está, entre outros, em Cesarino (2020).
9. www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2220292.
10. É preciso notar que os problemas em relação ao sistema de votação e à sua auditoria começaram bem antes, ainda em fins dos anos 1990, e atravessaram os anos com idas e vindas no Congresso Nacional, no TSE e no STF (Schmitt 2021; Leirner 2023). Até 2014, a principal contestação do voto eletrônico vinha do campo da esquerda, movimento que é levemente rompido com a contestação de Aécio Neves ao resultado da eleição presidencial

daquele ano. No entanto, a pauta seguiu majoritária na esquerda até 2017, quando Bolsonaro propôs uma emenda à PEC da reforma política proposta pelo governo Dilma dois anos antes (como desdobramento das manifestações de 2013). Ainda assim, a ação mais histriônica de Bolsonaro se dá justamente nas eleições de 2018, deslizando de vez a pauta da impressão do voto para seu campo político, e deslocando a esquerda para a defesa do sistema eletrônico de votação (Leirner 2023).

11. www.youtube.com/watch?v=bnK5nfXj5Xo&t=259s a partir do minuto 04:10.
12. Frase constantemente repetida nos acampamentos e nas mídias digitais patriotas.
13. Discurso do General Fernando, então comandante militar do Sudeste, em setembro de 2015. www.youtube.com/watch?v=rb6JK1PkZXA.
14. De que temos notícia, apenas Jonas Medeiros parece ter realizado um trabalho de campo similar ao nosso. Entretanto, apesar de ressaltar o caráter etnográfico de sua iniciativa, a leitura de uma série de artigos de sua autoria evidencia que, majoritariamente, os dados analisados são provenientes de mídias digitais (o que obviamente pode se constituir enquanto uma “etnografia digital”, o que, na nossa avaliação, pode ocorrer se houver interação efetiva, para além da observação distanciada), tal como a análise de *lives* e *posts*, com exceção de dois atos (dias 2 e 15 de novembro de 2022) e uma “passagem rápida” na *vigília* (dia 12 de dezembro de 2022) realizados em frente ao Comando Militar do Sudeste/SP (Medeiros 2022a; 2022b; 2022c; 2023a; 2023b). No nosso caso, procuramos ressaltar elementos provenientes da interação com os *patriotas* nos acampamentos a partir de uma inserção no campo ao longo de todo o mês de dezembro de 2022 e dispersa geograficamente (interior de São Paulo e Brasília) sem, no entanto, dispensar a análise de dados presentes em mídias digitais, haja vista pesquisas recentes sinalizarem a centralidade de tais mídias na constituição destes grupos (Cesarino 2019; 2020, 2022).
15. Dois dias antes da chegada, foram identificados artefatos explosivos em um caminhão-tanque próximo ao aeroporto do Distrito Federal. www.metropoles.com/distrito-federal/bomba-proxima-ao-aeroporto-de-brasilia-mobiliza-seguranca-do-df.
16. Após os atos de 8 de janeiro, Claudio Santos fugiu do acampamento, mas acabou preso pela Polícia Federal na Operação Lesa Pátria, em 23 de março de 2023 (Rios 2023).
17. Corrêa era um exímio frequentador do Palácio da Alvorada e recebeu apoio político de seu antigo superior hierárquico na Brigada Paraquedista/RJ, General Mourão, nas eleições de 2018 e 2022 (Mello 2023). Formado no Curso Básico de Para-quedista em 1982 como soldado, Corrêa afirma ter sido contemporâneo de Mourão e Bolsonaro na Brigada (Corrêa 2022). O cabo foi citado no relatório final da CPMI do 8/1 como um dos líde-

- res do acampamento de Brasília, tendo incentivado a marcha que saiu das imediações do QG e dirigiu-se para a Praça dos Três Poderes (Congresso Nacional 2023, 250, 593).
18. Como bem notaram Arantes, Frias e Menezes (2024), no 8/1 “O ‘cidadão de bem’ sem freios, em impulso narcísico de cólera, com uma mão tirava *selfie* e com a outra depredava algo. Sabendo que não seriam reprimidos com violência, como mereceriam os sem-teto ou sem-terra, os ‘patriotas’ estavam como num playground, numa insurreição sem repressão. Enfim, um teatro da produção consentida da baderna, rebelião gamificada e sem punição, transmitida em tempo real pelos ‘jogadores’ para suas plateias particulares em seus perfis e canais. E, como em todo game, os jogadores esperavam ‘pular de fase’, consumando a ‘tomada do poder’” (Arantes, Frias, and Menezes 2024, 91–2)
 19. Segundo Celso Castro em *O Espírito militar* (2004), no meio militar, “o momento da vibração é um momento de totalização, quando a pessoa se sente integrada num todo “de corpo e alma”, é “o que dá a vontade de ser militar”. Por tudo isso, é uma emoção que surge preferencialmente em grupos, nas mais diversas ocasiões: voltando de um exercício militar prolongado, num desfile, numa confraternização de Arma” (Castro 2004, 56).
 20. Boa parte da centralidade reservada a Moraes no imaginário *patriota* deveu-se ao papel desempenhado pelo ministro em inquéritos do STF, que passaram a ter como alvos atores próximos ao presidente Bolsonaro ou identificados como “bolsonaristas” como, por exemplo, o Inquérito das Fake News (2019) que investigou, entre outros, o empresário Luciano Hang, o deputado federal Roberto Jefferson e o blogueiro Allan dos Santos; o Inquérito das Milícias Digitais (2020) que mirou, entre outros, à ativista Sara Winter e o blogueiro Oswaldo Eustáquio; e o Inquérito dos Atos Antidemocráticos (2020).
 21. “A Praça Cívica, mais conhecida como Praça dos Cristais, é uma obra paisagística projetada pelo artista plástico Roberto Burle Marx e seu assistente Haruyoshi Ono. Está localizada no Setor Militar Urbano, em frente ao Quartel General do Exército, em Brasília”. pt.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7a_dos_Cristais
 22. Como, por exemplo, <https://piaui.folha.uol.com.br/por-que-o-general-foi-demitido/>
 23. twitter.com/Gen_VillasBoas/status/1592600036067745796/photo/1.
 24. g1.globo.com/politica/noticia/2022/12/27/a-4-dias-do-fim-do-governo-bolsonaro-mais-um-caminhao-de-mudanca-vai-ao-palacio-da-almorada.ghtml.
 25. Em referência à vidente paulistana Benedicta Finazza que ficou famosa no país durante os anos 1990. pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A3e_Din%C3%A1h.

26. Referência ao Manual de Mobilização Militar publicado no dia 5 de dezembro de 2022. Ver mais em: www.poder360.com.br/brasil/entenda-o-que-e-o-manual-de-mobilizacao-militar-da-defesa/
27. Massivamente veiculada nas redes patriotas, a frase pode ser vista ao final da transmissão da *live* na conta oficial de Jair Bolsonaro no Instagram no dia 30 de dezembro de 2022.
28. www.youtube.com/watch?v=8kOOCGH6vZI.
29. À época, o Instituto Sagres era presidido por Raul José de Abreu Sturari, General de Divisão reformado. Já o Instituto Villas Bôas era presidido pelo próprio General Eduardo Dias da Costa Villas Bôas.
30. Jonas Medeiros identificou que a “intervenção” imaginada pelos *patriotas* apresentava uma faceta “militar” (terrena) e outra “divina” (transcendente), que, a depender do contexto enfrentado, privilegiaria uma ou outra, sem, no entanto, deixarem de operar em complementariedade (Medeiros 2023b).